

A CASA DE ADELA

Todos os dias penso em Adela. E, se durante o dia não aparece sua lembrança — as sardas, os dentes amarelos, o cabelo louro fino demais, o coto junto ao ombro, as botinhas de camurça —, ela volta à noite, em sonhos. Os sonhos com Adela são todos diferentes, mas nunca falta a chuva nem faltamos meu irmão e eu, os dois parados diante da casa abandonada, com capas amarelas, observando os policiais no jardim que falam em voz baixa com nossos pais.

Ficamos amigos porque ela era uma princesa de subúrbio, mimada em seu enorme chalé inglês inserido em nosso bairro cinzento de Lanús, tão diferente que parecia um castelo e seus habitantes, os senhores, e nós, os servos em nossas casas quadradas de cimento com jardins raquíticos. Ficamos amigos porque ela tinha os melhores brinquedos importados, que seu pai trazia dos Estados Unidos. E porque organizava as melhores festas de aniversário a cada 3 de janeiro, pouco antes do dia de Reis e pouco depois do Ano-Novo, ao lado da piscina, com a água que, sob o sol da hora da sesta, parecia prateada, feita de papel de presente. E porque tinha um projetor e usava as paredes brancas da sala de estar para ver filmes enquanto o resto do bairro ainda tinha televisores em preto e branco.

Mas, sobretudo, ficamos amigos dela, meu irmão e eu, porque Adela só tinha um braço. Ou talvez fosse mais exato dizer que lhe faltava um braço. O esquerdo. Por sorte, não era canhota. Faltava-lhe desde o ombro; tinha ali uma pequena protuberância de carne que se movia, com um fragmento de músculo, mas não servia para nada. Os pais de Adela diziam que havia nascido assim, que era um defeito congênito. Muitos garotos tinham medo dela, ou asco. Riam dela, chamavam-na de monstrinha, aberração, bicho incompleto; diziam que iam vendê-la para um circo, que com certeza sua foto figurava nos livros de medicina.

Ela não se importava. Nem sequer queria usar um braço ortopédico. Gostava de ser observada e nunca escondia o coto. Se via a repulsa nos olhos de alguém, era capaz de esfregar-lhe o cotoco na cara ou sentar-se muito perto e roçar o braço do outro com seu apêndice inútil, até que a pessoa estivesse humilhada e à beira das lágrimas.

Nossa mãe dizia que Adela possuía um caráter único, era valente e forte, um exemplo, uma doçura, como a criaram bem, que pais bons ela tem, insistia. Mas Adela dizia que seus pais mentiam. Sobre o braço. Não nasci assim, contava. E o que aconteceu, perguntávamos. E então ela contava sua versão. Suas versões, melhor dizendo. Às vezes, falava que tinha sido atacada pelo cachorro, um dobermann preto chamado Inferno. O cão tinha ficado louco, isso costuma acontecer com os dobermanns, uma raça que, segundo Adela, tem um crânio pequeno demais para o tamanho do cérebro; por isso os cães têm dores de cabeça com frequência e enlouquecem de dor, o cérebro apertado contra os ossos. Ela dizia que o cão a atacara quando ela só tinha dois anos. Lembrava-se: da dor, dos grunhidos, do som das mandíbulas mastigando, do sangue manchando a grama, mesclado com a água da piscina. Seu pai o havia matado com um tiro; excelente pontaria, porque, quando recebeu o disparo, o cão ainda carregava o bebê Adela entre os dentes.

Meu irmão não acreditava nessa versão.

— E cadê a cicatriz?

Ela se irritava.

— Sarou muito bem. Nem se vê.

— Impossível. Sempre dá para ver.

— Não ficou cicatriz dos dentes, tiveram que me cortar mais acima da mordida.

— Óbvio. Mesmo assim, teria que haver cicatriz. Não se apaga assim do nada.

E ele mostrava sua própria cicatriz de apendicite, na virilha, como exemplo.

— Isso aconteceu porque os médicos que operaram você eram de quinta. Eu fui para a melhor clínica da capital.

— Blá-blá-blá — dizia meu irmão, e a fazia chorar.

Era o único que a enfurecia. No entanto, nunca brigavam de verdade. Ele se divertia com as mentiras dela. Ela gostava do desafio. E eu só escutava.

E assim transcorriam as tardes depois da escola, até que meu irmão e Adela descobriram os filmes de terror e tudo mudou para sempre.

* * *

Não sei qual foi o primeiro filme. Não me davam permissão para vê-los. Minha mãe dizia que eu era muito pequena. Mas Adela tem a minha idade, eu insistia. Problema dos pais dela se a deixam: eu já te disse que não, falava minha mãe, e era impossível discutir com ela.

— E por que o Pablo você deixa?

— Porque é mais velho que você.

— Porque é homem! — gritava meu pai, intrometido, orgulhoso.

— Odeio vocês! — berrava eu, e chorava na minha cama até adormecer.

O que não puderam evitar foi que meu irmão Pablo e Adela, cheios de compaixão, me contassem os filmes. E, quando terminavam de me contar os filmes, contavam mais histórias. Não consigo esquecer aquelas tardes: quando Adela contava, quando se concentrava e seus olhos escuros ardiam, o jardim da casa se enchia de sombras, que corriam, que saudavam, brincalhonas. Eu as via quando Adela se sentava de costas para a vidraça, na sala de estar. Eu não dizia nada. Mas Adela *sabia*. Meu irmão, não sei. Ele era capaz de esconder melhor que nós.

Ele soube esconder até o final, até seu último ato, até só restarem dele aquelas costelas expostas, aquele crânio destroçado e, sobretudo, aquele braço esquerdo no meio dos trilhos, tão separado do corpo e do trem que não parecia produto do acidente — do suicídio, continuo chamando de acidente o seu suicídio —; parecia que alguém o levava até o meio dos trilhos para exibi-lo, como uma saudação, uma mensagem.

* * *

A verdade é que não lembro quais histórias eram resumos de filmes e quais eram invenções de Adela ou de Pablo. Desde que entramos na casa, nunca consegui ver um filme de terror: vinte anos depois, conservo a fobia e, se vejo uma cena por acaso ou por engano na televisão, à noite tomo comprimidos para dormir e durante dias tenho náuseas e me lembro de Adela sentada no sofá, com os olhos quietos e sem o braço, enquanto meu irmão a olhava com adoração. Não me lembro, é verdade, de muitas das histórias: apenas de uma sobre um cão possuído pelo demônio — Adela

tinha um fraco por histórias com animais —, outra sobre um homem que tinha esquartejado a mulher e escondido seus restos numa geladeira, e esses restos, durante a noite, haviam saído para persegui-lo, pernas e braços e tronco e cabeça rolando e se arrastando pela casa, até que a mão morta e vingadora matou o assassino apertando-lhe a garganta — Adela tinha um fraco também por histórias com membros mutilados e amputações —; outra sobre o fantasma de um menino que sempre aparecia nas fotos de aniversário, o convidado aterrorizante que ninguém reconhecia, de pele cinzenta e sorriso largo.

Eu gostava especialmente das histórias sobre a casa abandonada. Inclusive sei quando começou a obsessão. Foi culpa da minha mãe. Uma tarde, depois da escola, meu irmão e eu a acompanhamos até o supermercado. Ela se apressou quando passamos diante da casa abandonada que ficava a meia quadra da loja. Notamos e perguntamos a ela por que corria. Ela riu. Eu me lembro do riso da minha mãe, de como ela era jovem naquela tarde de verão, do cheiro de xampu de limão do seu cabelo e da gargalhada de chiclete de menta.

— Eu sou uma boba! Essa casa me dá medo, não liguem para mim.

Tentava nos tranquilizar, portar-se como adulta, como mãe.

— Por quê? — perguntou Pablo.

— Por nada, porque está abandonada.

— E...?

— Esquece, filho.

— Conta, vai.

— Tenho medo de que alguém se esconda lá dentro, um ladrão, qualquer coisa.

Meu irmão quis saber mais, porém minha mãe não tinha muito mais o que dizer. A casa estava abandonada antes mesmo de meus pais chegarem ao bairro, antes do nascimento de Pablo. Ela sabia que, apenas meses antes, os donos haviam morrido, um casal de velhinhos. Morreram juntos?, quis saber Pablo. Que mórbido você está, filho, vou proibir de ver os filmes. Não, morreram um depois do outro. Acontece com os casais de velhinhos: quando um morre, o outro se apaga em seguida. E, desde então, os filhos estão brigando pela sucessão. O que é sucessão, eu quis saber. É a herança, explicou minha mãe. Estão se engalfinhando para ver quem fica com a casa. Mas é uma casa bem fodida, disse Pablo, e minha mãe o repreendeu por falar um palavrão.

- Que palavrão?
- Você sabe muito bem: não vou repetir.
- “Fodida” não é palavrão.
- Pablo, por favor.
- Está bem. Mas a casa está caindo aos pedaços, mãe.
- Sei lá, filho, vai ver que querem o terreno. É um problema da família.
- Para mim, tem fantasmas.
- Os filmes estão te fazendo mal!

Achei que iam proibi-lo de continuar vendo filmes, mas minha mãe não voltou a mencionar o assunto. E, no dia seguinte, meu irmão contou a Adela sobre a casa. Ela se entusiasmou: uma casa mal-assombrada tão perto, no bairro, a apenas duas quadras, era pura felicidade. Vamos vê-la, disse ela. Saímos correndo, os três. Descemos aos gritos as escadas de madeira do chalé, muito bonitas (tinham, de um lado, janelas com vitrais coloridos, verdes, amarelos e vermelhos, e eram atapetadas). Adela corria mais devagar que nós e um pouco de lado pela falta do braço, mas corria rápido. Naquela tarde, usava um vestido branco de alças; lembro que, quando corria, a alça do lado esquerdo caía sobre seu resto de bracinho e ela a arrumava sem pensar, como se afastasse do rosto uma mecha de cabelo.

A casa não tinha nada de especial à primeira vista, mas, quando se prestava atenção, era possível notar detalhes inquietantes. As janelas estavam tapadas, completamente fechadas com tijolos. Para evitar que alguém entrasse ou que algo saísse? A porta, de ferro, era pintada de marrom escuro; parece sangue seco, disse Adela.

Que exagerada, me atrevi a dizer. Ela se limitou a sorrir. Tinha os dentes amarelos. Isso, sim, me dava nojo, não seu braço, ou falta de braço. Não escovava os dentes, acho; e, além disso, era muito pálida, e a pele translúcida fazia ressaltar aquela cor enfermiza, como nos rostos das gueixas. Entrou no jardim da casa, muito pequeno. Parou no corredor que levava à porta, deu meia-volta e disse:

— Vocês repararam?

Não esperou nossa resposta.

— É muito estranho, como pode a grama estar tão baixa?

Meu irmão a seguiu para dentro do jardim e, como se estivesse com medo, também ficou no corredor de ladrilhos que ia da calçada até a porta de entrada.

— É verdade — disse ele. — A grama teria que estar altíssima. Olha, Clara, vem ver.

Entrei. Cruzar o portão enferrujado foi horrível. Não é por causa do que aconteceu depois que me lembro dele assim: tenho certeza do que senti então, naquele exato momento. Fazia frio no jardim. A grama parecia queimada. Arrasada. Era amarela e curta: nem um matinho verde. Nem uma planta. Naquele jardim havia uma secura infernal e, ao mesmo tempo, era inverno. E a casa zumbia, zumbia como um mosquito rouco, como um mosquito gordo. Vibrava. Não saí correndo porque não queria que meu irmão e Adela caçassem de mim, mas tive o ímpeto de fugir para minha casa, para minha mãe, de lhe dizer sim, tem razão, aquela casa é má e nela não se escondem ladrões, se esconde um bicho que treme, se esconde algo que não pode sair.

* * *

Adela e Pablo não falavam de outra coisa. Tudo era a casa. Perguntavam no bairro sobre a casa. Perguntavam na banca de jornal e no clube; a Don Justo, que esperava o entardecer sentado na porta de sua casa, aos galegos da feira e à verdureira. Ninguém lhes dizia nada importante. Mas vários coincidiram no fato de que a estranheza das janelas tapadas e do jardim ressecado lhes dava calafrios, tristeza e às vezes medo, especialmente à noite. Muitos se lembravam dos velhinhos: eram russos ou lituanos, muito amáveis, muito calados. E os filhos? Alguns diziam que brigavam pela herança. Outros, que não visitavam os pais, nem sequer quando adoeceram. Ninguém os tinha visto. Nunca. Os filhos, se é que existiam, eram um mistério.

— Alguém teve que tapar as janelas — disse meu irmão a Don Justo.

— Você sabe que sim. Mas quem fez isso foram pedreiros, não os filhos.

— Vai ver os pedreiros eram os filhos.

— Certeza que não. Os pedreiros eram bem morenos. E os velhinhos eram louros, transparentes. Como você, como Adelita, como a sua mãe. Deviam ser poloneses. Algo assim.

A ideia de entrar na casa foi do meu irmão. Sugeriu primeiro a mim. Eu lhe disse que estava louco. Estava obcecado. Precisava saber o que tinha acontecido naquela casa, o que havia dentro. Desejava aquilo com um fervor muito estranho para um menino de onze anos. Não entendo, nunca

pude entender o que a casa lhe fez, o que o atraiu assim. Porque atraiu primeiro a ele. E ele contagiou Adela.

Sentavam-se no caminho de ladrilhos amarelos e cor-de-rosa que atravessava o jardim seco. O portão de ferro enferrujado estava sempre aberto, dando boas-vindas. Eu os acompanhava, mas ficava do lado de fora, na calçada. Eles olhavam para a porta como se julgassem que podiam abri-la com a mente. Ficavam horas assim, sentados, em silêncio. As pessoas que passavam pela calçada, os vizinhos, não prestavam atenção. Não lhes parecia estranho, ou talvez nem os vissem. Eu não me atrevia a contar nada a minha mãe.

Ou vai ver que a casa não me deixava falar. Não queria que eu os salvasse.

Continuávamos nos reunindo na sala da casa de Adela, mas já não falávamos de filmes. Agora Pablo e Adela — mas sobretudo Adela — contavam histórias sobre a casa. De onde vocês as tiram, perguntei uma tarde. Pareceram surpresos, se entreolharam.

— A casa nos conta as histórias. Você não escuta?

— Coitada — disse Pablo. — Não escuta a voz da casa.

— Não importa — disse Adela. — Nós contamos a você.

E me contavam.

Sobre a velhinha, que tinha olhos sem pupilas, mas não era cega.

Sobre o velhinho, que queimava livros de medicina junto ao galinheiro vazio, nos fundos.

Sobre o quintal dos fundos, seco e morto como o jardim, cheio de buraquinhos feito tocas de ratos.

Sobre uma torneira que não parava de pingar porque o que vivia na casa precisava de água.

Pablo custou um pouco a convencer Adela a entrar. Foi estranho. Agora ela parecia ter medo: revezavam-se. No momento decisivo, ela parecia entender melhor. Meu irmão insistia. Agarrava-a pelo único braço e chegava a sacudi-la. No colégio, comentavam que Pablo e Adela eram namorados, e os garotos metiam o dedo, na boca, até a garganta, fazendo gesto de vomitar. Seu irmão sai com a monstra, zombavam. A Pablo e Adela, isso não incomodava. A mim tampouco. Só a casa me preocupava.

Decidiram entrar no último dia do verão. Foram as palavras exatas de Adela, numa tarde de discussão na sala da sua casa.

— No último dia do verão, Pablo — dissera ela. — Daqui a uma semana.

Quiseram que eu os acompanhasse, e aceitei porque não queria deixá-los. Não podiam entrar sozinhos na escuridão.

Decidimos ir à noite, depois do jantar. Tínhamos que escapulir, mas sair de casa tarde, no verão, não era tão difícil. Os meninos costumavam brincar na rua até anoitecer. Agora não é mais assim. Agora o bairro é pobre e perigoso, os moradores não saem, têm medo de serem roubados, têm medo dos adolescentes que tomam vinho nas esquinas e às vezes se enfrentam a tiros. O chalé de Adela foi vendido e dividido em apartamentos. No jardim foi construído um galpão. Melhor assim, acho. O galpão oculta as sombras.

Um grupo de meninas brincava de pular elástico no meio da rua; quando vinha um carro — circulavam muito poucos —, elas paravam para deixá-lo passar. Mais adiante, outros jogavam bola, e onde o asfalto era mais novo, mais liso, algumas adolescentes patinavam. Passamos entre eles, despercebidos.

Adela esperava no jardim morto. Estava muito tranquila, iluminada. Conectada, penso agora.

Apontou para a porta, e eu gemi de medo. Estava entreaberta, apenas uma fresta.

— Como? — perguntou Pablo.

— Encontrei-a assim.

Meu irmão tirou a mochila das costas e a abriu. Trazia alicates, barras de ferro, chaves de fenda: ferramentas do meu pai que ele tinha encontrado numa caixa na área de serviço. Não ia mais precisar delas. Estava procurando a lanterna.

— Não precisa — disse Adela.

Olhamos para ela, confusos. Ela abriu a porta por inteiro, então vimos que dentro da casa havia luz.

Lembro que caminhamos de mãos dadas sob aquela luminosidade que parecia elétrica, ainda que no teto, onde deveria haver lâmpadas, só houvesse fios velhos saindo dos buracos como ramos secos. Parecia a luz do sol. Do lado de fora era noite e ameaçava tempestade, uma poderosa chuva de verão. Ali dentro fazia frio e cheirava a desinfetante, e a luz era como de hospital.

A casa não parecia estranha por dentro. No pequeno saguão de entrada ficava a mesa do telefone, um telefone preto, como o de nossos avós.

Passamos os três juntos para a sala seguinte. A casa se mostrava maior do que parecia por fora. E zumbia, como se colônias de bichos ocultos vivessem atrás da pintura das paredes.

Adela se adiantava, entusiasmada, sem medo. Pablo pedia “espera, espera” a cada três passos. Ela dava atenção, mas não sei se nos escutava claramente. Quando se virava para nos olhar, parecia perdida. Em seus olhos não havia reconhecimento. Dizia “sim, sim”, mas eu sentia que já não falava conosco. Pablo sentiu o mesmo, depois me disse.

O cômodo seguinte, a sala de estar, tinha poltronas sujas, cor de mostarda, acinzentadas pelo pó. Na parede havia prateleiras de vidro. Estavam muito limpas e cheias de pequenos adornos, tão pequenos que precisamos nos aproximar para vê-los. Lembro que nossos hálitos, juntos, embaçaram as prateleiras mais baixas, as que alcançávamos; chegavam até o teto.

De início, eu não soube o que estava vendo. Eram objetos minúsculos, de um branco amarelado, com forma semicircular. Alguns eram arredondados; outros, mais pontiagudos. Não quis tocá-los.

— São unhas — disse Pablo.

Senti que o zumbido me ensurdecia e comecei a chorar. Abracei Pablo, mas não deixei de olhar. Na prateleira seguinte, mais acima, havia dentes. Molares com chumbo negro no centro, feito os de meu pai, que os tinha consertado; incisivos, como os que me importunavam quando comecei a usar aparelho; dentões frontais como os de Roxana, a menina que se sentava na minha frente no colégio. Quando levantei a cabeça para olhar a terceira prateleira, apagou-se a luz.

Adela gritou no escuro. Meu coração batia tão forte que me deixava surda. Mas eu sentia meu irmão, que abraçava meus ombros, que não me soltava. De repente, vi um círculo de luz na parede: era a lanterna. Falei: “Vamos sair, vamos sair.” Pablo, porém, caminhou em direção oposta à saída, continuou entrando na casa. Eu o segui. Queria ir embora, mas não sozinha.

A luz da lanterna iluminava coisas sem sentido. Um livro de medicina, de folhas brilhantes, aberto no chão. Um espelho pendurado no alto, perto do teto, quem podia se refletir ali? Uma pilha de roupa branca. Pablo se deteve: movia a lanterna, mas a luz simplesmente não revelava nenhuma outra parede. Aquele cômodo não terminava nunca ou seus limites estavam longe demais para serem iluminados.

— Vamos, vamos — voltei a dizer, e lembro que pensei em sair sozinha, em deixá-lo, em fugir.

— Adela! — gritou Pablo.

Não a ouvíamos na escuridão. Onde poderia estar, naquela sala eterna.

— Aqui.

Era a voz dela, muito baixa, muito próxima. Estava atrás de nós. Recuamos. Pablo iluminou o lugar de onde vinha a voz e, então a vimos.

Adela não tinha saído da sala das prateleiras. Saudou-nos com a mão direita, parada junto a uma porta. Depois girou o corpo, abriu a porta a seu lado e a fechou atrás de si. Meu irmão correu, mas, quando chegou à porta, não conseguiu abri-la. Estava trancada com chave.

Sei o que Pablo pensou: buscar as ferramentas que tinha deixado lá fora, na mochila, para abrir a porta que levava Adela. Eu não queria tirá-la dali: só queria sair, e o segui, correndo. Do lado de fora chovia, e as ferramentas estavam esparramadas na grama ressecada do jardim; molhadas, brilhavam na noite. Alguém as tirara da mochila. Enquanto permanecíamos quietos por um minuto, assustados, surpresos, alguém fechou a porta por dentro.

A casa parou de zumbir.

Não lembro bem quanto tempo Pablo passou tentando abri-la. Mas, em algum momento, escutou meus gritos. E me deu atenção.

Meus pais chamaram a polícia.

E todos os dias, quase todas as noites, volto àquela noite de chuva. Meus pais, os pais de Adela, a polícia no jardim. Nós, ensopados, com capas de chuva amarelas. Os policiais que saíam da casa fazendo não com a cabeça. A mãe de Adela desmaiada na tempestade.

Nunca a encontraram. Nem viva nem morta. Pediram-nos a descrição do interior da casa. Contamos. Repetimos. Minha mãe me deu um tabefe quando falei das prateleiras e da luz. “A casa está cheia de escombros, sua mentirosa!”, gritou. A mãe de Adela chorava e pedia “por favor, onde está Adela, onde está Adela”.

Na casa, respondemos. Abriu uma porta, entrou num quarto e deve estar lá ainda.

Os policiais diziam que não restava uma única porta do lado de dentro. Nem nada que pudesse ser considerado um quarto. A casa era uma casca, diziam. Todas as paredes internas tinham sido demolidas.

Lembro que os escutei dizerem “máscara”, não “casca”. A casa é uma máscara, escutei.

Nós mentíamos. Ou tínhamos visto algo tão feroz que estávamos em choque. Eles não queriam nem mesmo acreditar que tínhamos entrado na casa. Minha mãe nunca acreditou em nós. Nem quando a polícia vasculhou o bairro inteiro, invadindo cada residência. O caso passou na televisão: deixavam-nos ver os noticiários. Deixavam-nos ler as revistas que relatavam o desaparecimento. A mãe de Adela nos visitou várias vezes, e sempre dizia: “Vamos ver se dizem a verdade, meninos, vamos ver se lembram...”

Nós contávamos tudo de novo. Ela ia embora chorando. Meu irmão também chorava. Eu a convenci, eu a fiz entrar, dizia ele.

Uma noite, meu pai acordou ao escutar alguém tentando abrir a porta. Levantou-se da cama, sorrateiro, pensando que encontraria um ladrão. Encontrou Pablo, que lutava com a chave na fechadura — aquela fechadura sempre funcionava mal —; levava ferramentas e uma lanterna na mochila. Escutei-os gritar durante horas e lembro que meu irmão pedia por favor, que queria se mudar, que se não se mudasse ficaria louco.

Mudamos de casa. Meu irmão ficou louco do mesmo jeito. Suicidou-se aos vinte e dois anos. Eu reconheci o corpo destroçado. Não tive opção: meus pais estavam de férias no litoral quando ele se jogou embaixo do trem, bem longe da nossa casa, perto da estação Beccar. Não deixou um bilhete. Ele sempre sonhava com Adela: em seus sonhos, nossa amiga não tinha unhas nem dentes, sangrava pela boca, sangravam suas mãos.

Desde que Pablo se matou, eu volto à casa. Entro no jardim, que continua queimado e amarelo. Espio pelas janelas, abertas como olhos negros: a polícia derrubou os tijolos que as tapavam há quinze anos e assim ficaram, abertas. Dentro da casa, quando o sol a ilumina, veem-se vigas e o teto esburacado e sujeira. Os meninos do bairro sabem o que aconteceu ali dentro. No chão, pintaram com spray o nome de Adela. Nas paredes externas também. Onde está Adela?, diz uma pichação. Outra, menor, escrita com vigor, repete o modelo de uma lenda urbana: é preciso dizer Adela três vezes à meia-noite, diante do espelho, com uma vela na mão, e então veremos refletido o que ela viu, quem a levou.

Meu irmão, que também visitava a casa, leu essas indicações e fez o velho ritual uma noite. Não viu nada. Quebrou o espelho do banheiro com os punhos, e precisamos levá-lo ao hospital para que o costurassem.

Não me animo a entrar. Há uma inscrição rabiscada acima da porta que me mantém do lado de fora. Aqui vive Adela, cuidado!, diz. Imagino que

foi escrita por um garoto do bairro como piada ou desafio. Mas eu sei que tem razão. Que essa é a casa dela. E ainda não estou preparada para visitá-la.